

A coleção de fotografias Kroehle-Huebner do Museu de Etnologia de Berlim

Andreas Valentin¹

Em março de 1895, o Museu de Etnologia de Berlim recebeu do Sr. Gustav Müller uma oferta de objetos e fotografias que lhe foram enviadas por Charles Kroehle. Na carta enviada ao Museu, ele é citado como um “ousado e empreendedor cidadão de Estrasburgo que reside há muitos anos no Peru, onde promoveu expedições aos povos semi-selvagens daquelas montanhas”. Menciona ainda que ali reuniu “coleções de objetos com zelo, diligência e habilidade” e que todos os itens “estão catalogados com informações precisas e representam valiosos documentos sobre os povos em questão”. No final, destaca que “as fotografias que acompanham a coleção acrescentam-lhe ainda mais valor e têm eminente importância científica.”²

Esse é provavelmente um dos primeiros registros oficiais da Coleção de Fotografias Kroehle/Huebner, hoje abrigada no Museu de Etnologia de Berlim. Ressaltam-se aqui alguns dos comentários do Sr. Müller a respeito do “pacote” que ele ofereceu. Inicialmente, destacou as qualidades do cidadão de Estrasburgo que se aventurou por lugares longínquos e perigosos; em seguida, valorizou a importância científica dos objetos e, em especial, das fotografias.

Escritas apenas duas décadas após a inauguração do Museu, mesmo hoje, essas reflexões são diretrizes pertinentes para a formação de coleções etnográficas. No final do século XIX, artefatos e, principalmente, fotografias de povos nativos de todo o mundo estavam em grande demanda por toda a Europa. É possível que com isso em mente, dois cidadãos alemães deixaram

¹ Doutor em História Social (UFRJ); Mestre em Ciência da Arte (UFF). Professor-adjunto de fotografia na UERJ. Coordena curso de pós-graduação em Fotografia no IUPERJ / UCAM. Vencedor do Prêmio Pierre Verger de Fotografia (ABA, 2004). Autor de três livros sobre o Festival de Parintins, o mercado SAARA no Rio de Janeiro e o fotógrafo alemão George Huebner.

² Ethnologisches Museum Berlin, „Acta betreffend die Erwerbung ethnologischer Gegenstände aus Amerika Vol. 16“; Vom 1. Januar 1895 bis 31. Dezember 1895 Pars I. B. Trad. Nossa.

sua pátria e se aventuraram pela Amazônia peruana e regiões dos Andes para coletar objetos etnográficos e imagens.

Infelizmente, pouco se sabe sobre Charles Kroehle. É provável que na década de 1880 tenha se estabelecido em Lima, onde montou um estúdio fotográfico. Morreu em 1902, supostamente de um ferimento provocado por uma flecha. Seu nome – como também o de Huebner – só surgiu quando as fotografias peruanas foram oferecidas ao Museu em inúmeras ocasiões e por agentes diversos, um dos quais sua irmã, Marie Kroehle, que em 1905 vendeu algumas de suas imagens.

A vida e obra de Huebner, no entanto, está hoje bem documentada.³ Nasceu em 1862 em Dresden, àquela época um importante centro cultural e econômico. Em 1885, viajou pela primeira vez à América do Sul onde permaneceu por mais de seis anos. Passou por Belém e Manaus e, em 1886, chegou a Iquitos. Dali, percorreu a região do rio Ucaiali envolvendo-se com a extração e o comércio da borracha, atividades em plena expansão nessa região. Depois de uma estada na colônia alemã de Pozuzo, na Amazônia peruana, chegou a Lima onde se estabeleceu durante alguns anos.

Em 1888, conheceu o fotógrafo alemão Charles Kroehle com quem viajou durante três anos pelo território peruano, cobrindo desde os altiplanos andinos, à costa do Pacífico até a região amazônica.⁴ O resultado dessa expedição foram centenas de fotografias, assinadas pelos dois, além de um profundo conhecimento da região e dos costumes dos nativos⁵.

³ Nos últimos 15 anos, a obra de Huebner tem sido cada vez mais pesquisada e divulgada em livros, artigos e exposições. Crédito especial deve ser dado ao pesquisador suíço Daniel Schoepf, que em 1999, publicou o catálogo “George Huebner, 1862-1935: um Fotógrafo em Manaus” acompanhando uma exposição de suas fotos em Genebra e Manaus. Àquela época curador-chefe do Museu Etnográfico de Genebra, sua pesquisa resgatou do anonimato não só imagens como grande parte da biografia de Huebner. Outras fontes sobre Huebner incluem a obra de Eva König “Indianer 1858-1928”, Museum für Völkerkunde, Hamburg (2002) e a minha publicação “A Fotografia amazônica de George Huebner”, Rio de Janeiro (2012).

⁴ Cf. Schoepf (2000) e König (2002).

⁵ Schoepf (op. cit.) indica que foram realizadas de 160 a 180 fotografias; já König (2002) aponta para um número maior, cerca de 220. As assinaturas são dos dois autores (“Kroehle y Huebner”, “Ch. Kroehle y Huebner”, “C. Kroehle y Huebner”) ou só de Kroehle (“C. Kroehle” ou “Ch. Kroehle”). Em algumas, aponta König, há indícios de

Em 1892, de volta a Dresden, foi introduzido por Oscar Schneider na Sociedade de Geografia de Dresden (*Verein für Erdkunde*), onde proferiu conferências ilustradas com projeções fotográficas e publicou relatos de suas viagens pelo Peru. Doutor em filosofia, naturalista, teólogo, professor e membro de duas importantes sociedades científicas de Dresden, foi Schneider quem recebeu as primeiras cartas e imagens de Huebner da América do Sul.

No ano seguinte, publicou seu primeiro artigo, “*Meine Reise von Lima nach Iquitos*” (Minha viagem de Lima a Iquitos), na revista *Deutsche Rundschau für Geographie und Statistik*, onde explicitou o objetivo de sua primeira viagem:

[...] formar uma coleção de fotografias de regiões dos Andes e de grupos de indígenas ainda desconhecidos, através das quais eu espero conquistar o reconhecimento de todos aqueles que se interessam pelos ermos do Peru. ⁶

Grande parte das coleções etnográficas e fotográficas dos principais museus ocidentais foi formada a partir de acervos coletados por cientistas, viajantes e aventureiros. Multiplicaram-se, assim, as coleções de curiosidades e exotismos de todo o mundo. A coleção produz uma mediação entre o visível dos objetos e o invisível dos ritos, mitos, narrativas e histórias. Para os viajantes-cientistas do século XIX, objetos acumulados e ordenados traduziam e preservavam histórias e fatos sociais das culturas dominadas pelos europeus. Nesse sentido, a coleção de objetos funcionava como importante ferramenta de representação e legitimação do *outro*: o “coleccionamento está no coração dos processos de formação de uma

manipulação posterior dos nomes nas fotografias. Nota-se que ambos simplificaram a grafia de seus nomes, retirando o trema das vogais. Tiragens originais ou reproduções dessas fotografias estão guardadas em acervos de diversas instituições europeias.

⁶ HÜBNER, 1893, p. 9, trad. nossa

subjetividade moderna no ocidente, a partir da relação deste com as chamadas sociedades ‘primitivas’ ou ‘exóticas’”⁷. Uma fotografia, um objeto etnográfico, “fosse ele uma ferramenta, uma estátua ou uma máscara, era entendido como uma ‘testemunha’ particularmente confiável da verdade de uma sociedade estranha”⁸.

O conhecimento antropológico, associado às metáforas visuais, transformaram o *outro* em objeto. Através das imagens, as especificidades e as diferenças tornaram-se transportáveis e observáveis. Por sua vez, o acúmulo dessas imagens, a partir de um processo seriado, formou arquivos e coleções, que cresceram e se ampliaram.

Seu segundo artigo, “*Iquitos und die Kautchuksammler am Amazonenstrom*” (“Iquitos e os seringueiros do Amazonas”), foi publicado em 1893 na *Globus*.⁹ Em ambas as revistas, os textos eram ilustrados com algumas poucas imagens, sob a forma de gravuras desenhadas em traço a partir dos originais fotográficos. As descrições, no entanto, são minuciosas relatando os caminhos percorridos e com informações precisas a partir de suas observações sobre a geografia, o clima e aspectos naturais. Huebner destaca os seringais que visitara e onde trabalhara durante um período na Amazônia peruana, próximo a Iquitos. Descreve detalhadamente o processo de extração e beneficiamento da borracha, a dura rotina dos *caucheros* e comenta sobre as condições sociais desses trabalhadores. Ao final do artigo, conclui que muitos deixam seus lares e suas famílias acreditando que poderiam enriquecer através do trabalho na extração da borracha, mas que, lamentavelmente, “retornam mais pobres e fisicamente debilitados”¹⁰. Um

⁷ GONÇALVES, 2001, p. 26

⁸ CLIFFORD, 1998, p. 193

⁹ Editada em Braunschweig entre 1862 e 1909, por Richard Andree. O conteúdo da revista incluía relatos de viagens, estudos e observações científicas. Abaixo do título “*Globus*”, trazia na capa o subtítulo “*Illustrierte Zeitschrift für Länder-und Völkerkunde*” (Revista ilustrada de estudos geográficos e etnográficos).

¹⁰ HÜBNER, 1893, p. 127

resumo desse artigo foi registrado na ata da reunião mensal do *Verein*, em 7 de abril de 1893. A viagem ao Peru rendeu ainda outro artigo, na *Rundschau*, “*Von Amazonenstrom nach der peruanischen Westküste*” (“Do rio Amazonas à costa oeste do Peru”), publicado em 1895.

As fotografias realizadas por Kroehle e Hübner¹¹ durante sua permanência no Ucaiali são as primeiras imagens de etnias das *montañas*, como os Campa, Maionixa, Caxibo, Cunivo, Piro e Xipibo, muitas das quais já extintas. São retratos dirigidos e produzidos, geralmente sobre um fundo de lona ou defronte suas moradias. Nessas séries de imagens, os fotógrafos, devido aos inúmeros percalços encontrados – o próprio trajeto, as incertezas, a desconfiança e o medo dos nativos, o peso do equipamento, a pouca sensibilidade das placas fotográficas – tiveram de se impor para obter aquilo que desejavam.

À autoridade imposta pelos fotógrafos aos índios contrapõem-se as críticas sociais que Huebner inclui em seus relatos de viagem, descrevendo a situação calamitosa das comunidades por eles percorridas: indígenas expulsos de suas terras e caçados pelos *caucheros*, para obrigá-los ao trabalho escravo; crianças raptadas e vendidas como mão-de-obra; mulheres estupradas e mantidas reféns.

Se no texto revelou-se humanitário e explicitamente denunciou os maus tratos que ele próprio presenciara, nas imagens mostrou-se autoritário e tendo de adotar rigidez no trabalho. Configura-se, portanto, uma dupla tensão: entre retratado e retratista, característica de praticamente toda a fotografia de povos nativos realizada na segunda metade do século XIX nas diversas partes do mundo colonizado por europeus; e entre o retratista e

¹¹ KÖNIG (*op. cit.*, p. 62) questiona a “dupla autoria” dessas imagens. Teria sido um compromisso de empreendimento em conjunto ou teria Kroehle fotografado **para** Hübner? De fato, as chapas originais dessas fotografias permaneceram no Peru e, após a morte de Kroehle, em 1902, ele distribuiu largamente tiragens, mantendo, no entanto, o nome do colega. Ressalta-se que todas essas tiragens eram cópias em papel. Não se conhece o destino dos originais.

sua própria intenção, a de obter a melhor fotografia precisando enfrentar situações-limite.

Alguns índios foram fotografados no estúdio que montaram em Iquitos. Até agora, apenas três dessas imagens foram identificadas: duas mulheres e um homem. Elas mostram um jovem Cholo e sua mulher à frente do mesmo cenário pintado. Estão vestidos com roupas ocidentais, mas aparecem descalços sobre terra e folhas que foram espalhadas no piso de madeira do estúdio, como para imitar seu ambiente natural. São fotografias ainda bastante cruas e não revelam a posterior habilidade de Huebner em negociar com os nativos, a fim de obter uma pose mais “natural”. A imagem da mulher foi reproduzida em 1893 no artigo da *Globus* (Figuras 1 e 2).



Figura 1: Kroehle e Huebner, “Moça Chola de Iquitos”, 1889. 16,6 x 11,7 cm.

Tarayoto, Tamas etc. Die Cancheros, welche den Rest der Bevölkerung ausmachen, stammen auch meist aus den oben genannten Orten, indessen giebt es auch einige Brasilianer und civilisierte Indianer darunter (Fig. 3). Das Leben dieser Leute, die nur vorübergehend in Iquitos weilen, weil sie doch gewöhnlich in ihre Kautschukarbeit gehen, besteht meistens in Vergnügungen. Sie nähren sich hauptsächlich von Bohnen, die ebenfalls in der Umgegend viel gebaut werden, von Bananen, die noch im grünen Zustande geschält und dann in Wasser gekocht oder in der glühenden Asche des Feuers gebacken werden und essen dazu Paiche, das sind lange, gefalzene und in der Sonne getrocknete Stücken eines Fisches, der viel im Amazonasstrom und in dessen Nebenflüssen harpuniert wird. Gegen Abend, manchmal auch schon nachmittags versammeln sich die Kautschukföhrer mit ihren Frauen und Mädchen in dem Hause eines Fremdes, an den die Reihe gekommen ist, seine Gäste zu bewirten und für deren Unterhaltung zu sorgen. Für ersteren Zweck hat er mehrere Garrafones (Korbflaschen) mit Chicha bereitet, ein aus dem Mais gewonnenes und mit Zucker versetztes Getränk, welches in Gärung übergegangen ist, dem eifrig zugesprochen wird. Indessen ist der Kautschukföhrer mit dem alleinigen Genuß dieses Getränkes nicht zufrieden, er muß auch seinen Cachaza haben. Dieser Branntwein, aus dem Zuckerrohr hergestellt, wird von dem niederen Volke in großen Mengen genossen, namentlich aber bei diesen Gelegenheiten. Bald hört man das dumpfe Geräusch einer Trommel erklingen und dazwischen die quietschenden Töne einer Klarinette. Das ist das Zeichen, daß der Tanz begonnen hat und jetzt kann man sehen, wie zwei oder je nach den Raumverhältnissen mehrere Paare den Marinero, einen einheimischen Tanz aufführen. Dieser Tanz ist ähnlich der Quadrille, doch nicht aus mehreren Figuren zusammengesetzt, sondern es wiederholt sich nur immer dasselbe Bild. Der Tänzer tanzt mit seiner gegenüberstehenden Tänzerin, indem beide Teile dazu ihr Taschentuch in der Hand schwenken. Er geht seiner Tänzerin entgegen, dreht sich unter grotesken Bewegungen einige Male vor derselben herum und kreuzt sich alsdann mit ihr. Wird die Musik noch einige Takte stärker, so bedeutet dies, daß lebhafter getanzt werden soll und es kommt dann auf das Paar an, ob es durch recht lächerliche Geberden im Stande ist, seine Zuschauer zur Bewunderung hinzuweisen. So dauert der Tanz bis zum frühen Morgen, während in den kurzen Zwischenpausen eifrig Getränke kredenzt werden. Diese Vergnügungen finden in Iquitos täglich an mehreren Orten statt, wenig angenehm für den, der in dieser Nachbarschaft der Ruhe pflegen will.

Von Geschäftshäusern ist gegenwärtig das eines Deutschen, die Firma Wessche u. Cie., das bedeutendste. Es hat zwei Zweigniederlassungen an verschiedenen Flüssen und drei Ranchas, die die Verbindung derselben mit dem Hauptgeschäfte unterhalten.

Bei meiner ersten Ankunft in Iquitos, Anfang Januar 1886, war dieser Ort gewissermaßen noch immer von dem Nachbarstaate Brasilien abhängig, dessen Papiergeld, mit Ausnahme der peruanischen 1- und 2-Cents Kupfermünzen,

fast ausschließlich dort kursierte, das indessen an diesem Orte einem stets schwankenden Kurse nicht unterworfen war. Es war von den Großkaufleuten eine Vereinbarung getroffen worden, wonach ein Sol 1,800 Milreis wert war, während man den Silber-Sol mit 2,500 Milreis bezahlte. Jetzt ist dies anders geworden, weil im Laufe der Zeit mehr Silber nach Iquitos gekommen ist, was zum großen Teile aus bolivianischen Vier-Realstücken bestand, die in ihrem Silbergehalte sehr gering waren und an der Küste sehr niedrig im Werte standen, schon weil eine Menge gefälschter darunter waren. Der früher festgesetzte Kurs, der sich sehr gut bewährte und dem Handel Erleichterung verschaffte, konnte sonach nicht mehr festgehalten werden, da auch das Papiergeld Brasiliens mehr und mehr vom Orte verschwand und die Zahlungen in Silber geleistet wurden. Einen Unterschied in den verschiedenen Silbermünzen machte

man in Iquitos nicht, es wurde alles zum selben Preise angenommen, kam man aber mit den bolivianischen Vier-Realstücken, die man in Iquitos ahnungslos in Zahlung genommen hatte, nach Moyobamba, so wurde einem dort einfach bedeutet, daß dieselben gar nicht angenommen würden. Weiterhin in Chachapoyas konnte man sie dann allerdings wieder los werden, aber nur mit bedeutendem Verlust. Kein Wunder also, daß sich dieses Geld in Iquitos anhäufte, wo es anstandslos in Zahlung genommen wurde, und es gab einige spekulative Köpfe, welche diese Münzen von der Küste, wo sie billig waren, nach Iquitos brachten, um von dort peruanische sogenannte Soles fuertes mitzunehmen. — Kassageschäfte wurden übrigens in Iquitos nur selten gemacht, vielmehr wurde den in den oberen und unteren Flußgebieten arbeitenden Kautschukföhrern ein großes Vertrauen entgegengebracht, indem man ihnen die Waren auf Kredit gab und nun darauf wartete, um den von ihnen gewonnenen Kautschuk in Zahlung zu bekommen. Daß dieses Vertrauen, welches mehr durch die Konkurrenz, als durch guten Willen bedingt, oftmals nicht angebracht war, bewiesen die vielen Verluste, welche den Geschäftshäusern durch dieses unfreiwillige Kreditgeben erwuchsen, indem es unter den sogenannten Kautschukföhrern sehr

viele gab, die nichts weiter besaßen als das, was sie auf dem Leibe hatten und die mit den ihnen kreditierten Waren, bestehend aus Stoffen, Äxten, Messern, Geschirr, Naturalien etc. und nicht zu vergessen einige Korbflaschen mit Schnaps in den Wald zogen, um auf gut Glück nach Gummibäumen zu suchen. Waren es nun arbeitsame Leute, denen wirklich daran gelegen war, etwas vor sich zu bringen, und, was allerdings die Hauptsache war, stießen sie auf Gegenden, in denen sich die Gummibäume massenweise vorfanden, so konnte es glücken, daß sie ihre Rechnung binnen kurzer Zeit bezahlen konnten und noch dazu einen hübschen Überschuß hatten. Diese Fälle waren indessen Seltenheiten! Viel öfter kam es vor, daß der Kautschukföhrer mit seinen Leuten vergeblich in den Gebieten der wilden Nebenflüsse herumsuchte, wobei er alle seine Waren aufbrauchte und daß er dann nach drei bis vier Monaten mit leeren Händen oder höchstens mit einer geringen Quantität Kautschuk nach Iquitos kam. Dann war der Kaufmann wohl oder übel gezwungen, um

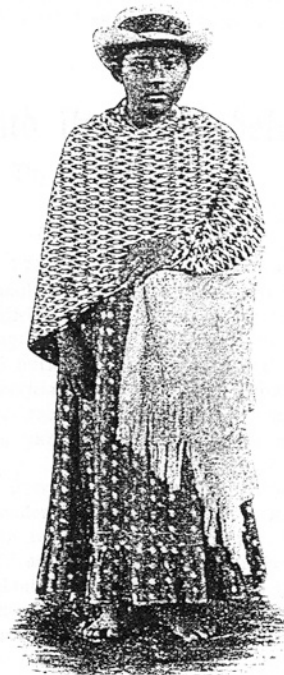


Fig. 3. Mädchen aus Iquitos.
Nach einer Photographie von Hübner.

Em seu primeiro artigo, Huebner menciona as dificuldades encontradas ao tentar fotografar os Campa:

Enquanto fazíamos os preparativos para fotografá-los em frente à casa, eles nos observavam com curiosidade até o momento em que atarraxamos a lente no aparelho. Quando viram isso, eles se assustaram porque acreditavam que estávamos lhes apontando uma arma de fogo. Eles se levantaram e correram, nos deixando sozinhos. Somente através de minha capacidade de convencimento e da distribuição de pequenos presentes, como lenços, miçangas etc, pudemos, finalmente, fazer com que eles se posicionassem e ficassem quietos. Essa mesma história se repetiu inúmeras vezes com outros selvagens.¹²

Na selva peruana Huebner e Kroehle, certamente, se depararam com problemas ainda mais graves quando descobriram que no idioma Xipibo, fotografar alguém é “foto-tsacati”, “tsacati”, significando bater, espetar, ferir. As figuras 3 e 4 mostram essa tensão. Obrigados a posar para o fotógrafo, os índios estão visivelmente desconfortáveis. Adultos e crianças parecem assustados e pouco à vontade com a situação. Seus olhares, direcionados para nós, ou, principalmente, para o chão, expressam tristeza e certa melancolia. Essas fotografias são bem diferentes daquelas realizadas mais tarde por Huebner retratando índios brasileiros, quando já havia aperfeiçoado sua técnica e suas habilidades de negociação com os povos nativos.

¹² HÜBNER, *op. cit.*, p. 60, trad. nossa



Fig. 3: Kroehle y Huebner, “Índios Piro do Rio Ucayali”, 1888, 11,4 x 16,8 cm.



Fig. 4: Kroehle y Huebner, “Família Campa em frente à sua cabana”, 1888, 17,6 x 23,9 cm.

Alguns poucos retratos, no entanto, mostram que os fotógrafos conseguiram estabelecer um relacionamento mais próximo com seus sujeitos. Na série de fotografias dos índios Orejon, do baixo Rio Napo, identificamos algumas imagens onde poses e olhares foram mais cuidadosamente dirigidas, seja pela concordância dos retratados ou pela negociação. (Figura 5)



Figura 5: Kroehle y Huebner, “Índio Orejon do Rio Napo”, 1888 (?), 12,1 x 9,9 cm.

Nos dois anos após o seu retorno da Amazônia, além de publicar seus artigos, Huebner manteve contato com instituições científicas alemãs para a venda das fotografias realizadas no Peru. No livro de inventário da Sociedade de Antropologia de Berlim elas estão listadas sob os números 3069 a 3086 e 3069 a 3128, tendo sido adquiridas em 1894 e com a observação “Hübner phot.” Não há menção do nome de Kroehle, o que deixa margem para algumas indagações. Houve um acordo entre eles para a comercialização dessas imagens? Teria Huebner se apossado delas? Ou, talvez, teria sido ele quem, de fato, contratou Kroehle para fotografar, mantendo, portanto, os direitos sobre elas.

Em 1894, viajou novamente para a América do Sul. De Manaus, foi para a região do Alto Orinoco, passando pelo rio Branco, afluente do rio Negro, no atual Estado de Roraima. Foi lá que se aprimorou como botânico - atividade que iria lhe assegurar o sustento nos seus últimos quinze anos de vida, após o encerramento de seu estúdio fotográfico. Viajou também para o rio Madeira, região de seringais.

Ao voltar para Dresden, em abril de 1896, além das amostras botânicas, levou na bagagem uma série de 60 fotografias das localidades por onde passara e de indígenas em poses diversas. Nessas imagens transparece o cuidado com o enquadramento e a perfeição técnica que marcariam o trabalho de Huebner dali para frente. Na fotografia de um grupo de Pauxianas, por exemplo, vê-se um homem sorrindo, apontando para uma negociação bem-sucedida (Figura 7).



Figura 7: George Huebner, Pauxianas, 1895. Fotografia no. 57 na listagem enviada por ele ao Museu de Etnografia de Berlim. Legado científico de Theodor Koch-Grünberg, Coleção Etnográfica da Universidade Philipps de Marburg, Alemanha.

Em 1897, retornou definitivamente ao Brasil e passou a assinar suas fotografias com a grafia do seu nome adaptada para o português. Não há indícios concretos que possam esclarecer os motivos dessa decisão importante de deixar Dresden e se radicar no Brasil. Se durante doze anos

frequentou a Amazônia como viajante, fotógrafo e homem de ciência acumulando experiência profissional, conhecimento da região e principalmente estabelecendo contatos, agora, na Manaus que viu se transformar de aldeia em cidade cosmopolita, vislumbrava novas possibilidades de crescimento profissional.

Em 1899, abriu o ateliê “Photographia Allemã” que rapidamente se firmou como o maior e melhor estúdio da cidade. Expandiu seus negócios para Belém (1906) e Rio de Janeiro (1910). Em 1920, após a derrocada da economia da borracha, vendeu o ateliê e suas filiais e se mudou para um sítio nos arredores da cidade. Até sua morte, em 1935, sobreviveu do cultivo, da coleta e da exportação para a Europa de plantas amazônicas, notadamente orquídeas. Em reconhecimento à sua contribuição para a botânica, alguns gêneros de orquídeas lhe prestam homenagem.

Há uma imagem que representa bem o amadurecimento de seu processo de contato e captura de fotografias de indígenas: um jovem Bindiapá, fotografado em 1902, no Juruá (Figura 8). Recostado na árvore defronte à mata nitidamente visível ao fundo, o olhar ligeiramente direcionado para longe, a fotografia desse rapaz ultrapassa o visível, o físico e até mesmo o etnográfico. Aqui o tema não é a “etnia Bindiapá”: trata-se de um retrato de um indivíduo. Um bom retrato, por sinal, pois, ao demonstrar intimidade e personalidade, possibilita a imediata identificação pelo observador. Resultados como esse somente são possíveis quando o fotógrafo consegue se relacionar diretamente com o seu sujeito, deixando de lado possíveis filtros ou interferências culturais. Essas são algumas das qualidades marcantes do trabalho fotográfico de Huebner, certamente aprimoradas durante sua longa estadia no Peru com seu colega Charles Kroehle.



Figura 8: George Huebner, Jovem Bindiapá, Juruá, 1902?
Legado científico de Theodor Koch-Grünberg, Coleção Etnográfica da Universidade Philipps de Marburg, Alemanha.

Referências Bibliográficas

CLIFFORD, J. Culturas viajantes. In: ARANTES, A. (Org.). **O espaço da diferença**. Campinas : Papiurus, 2000.

GONÇALVES, R. Coleções, museus e teorias antropológicas: reflexões sobre conhecimento etnográfico e visualidade. **Cadernos de Antropologia e Imagem**, n. 8, p. 21-34, 2001.

HÜBNER, Georg. Iquitos und die Kautschuksammler am Amazonenstrom. **Globus Illustrierte Zeitschrift für Länder-und Völkerkunde**, Braunschweig, v. 64, n. 7, p. 101-105, 122-127, 1893.

_____. Meine Reise von Lima nach Iquitos. **Deutsche Rundschau für Geographie und Statistik**, Wien, ano XV, p. 9-19, 59-66, 122-126, 1892-1893.

_____. Nach dem Rio Branco. **Deutsche Rundschau für Geographie und Statistik**. Wien, anno XX, p. 241-250, 306-313, 1898a.

_____. Reise in das Quellgebiet des Orinoco. **Deutsche Rundschau für Geographie und Statistik**, Wien, ano XX, p. 14-20, 55-65, 1898b.

_____. Vom Amazonenstrom nache der peruanischen Westküste. **Deutsche Rundschau für Geographie und Statistik**. ano XVII, p. 145-155, 203-213. Wien, 1895.

ILLIUS, Bruno. Nichts zu Lachen: die Indianer im Osten Perus. In: KÖNIG, Eva. **Indianer, 1858-1928**: photographische reisen von Alaska bis Feuerland. Hamburg: Museum für Völkerkunde Hamburg, 2002.

KÖNIG, Eva. **Indianer, 1858-1928**: photographische reisen von Alaska bis Feuerland. Hamburg: Museum für Völkerkunde Hamburg, 2002.

SCHNEIDER, Oscar. **Schneiders Typen-atlas**: naturwissenschaftlich-geographischer hand-atlas für schule und haus. Unter künstlerischer Mitwirkung von W. Claudius, H. Leutemann, G. Mützel und C. F. Seidel. Dresden: C. C. Meinhold & Söhne, Königl. Hofbuchdruckerei, 1885.

SCHOEPPF, Daniel. **George Huebner 1862-1935**: un photographe a Manaus. Genève: Musée d´Ethnographie, 2000.

VALENTIN, Andreas. **A fotografia amazônica de George Huebner**. Rio de Janeiro: Nau Editora, 2012.

VASQUEZ, Pedro Karp. **Dom Pedro II e a fotografia no Brasil**. Rio de Janeiro: Ed. Index, 1985.

_____. **Fotógrafos alemães no Brasil do século XIX**. São Paulo: Metalivros, 2000.